

## O alfabeto manual como recurso para a incorporação de elementos do português na formação de sinais em libras

## The manual alphabet as a resource for the incorporation of elements from Portuguese in sign formation in Libras

André Nogueira Xavier\*

Clovis Batista de Souza\*\*

**RESUMO:** O alfabeto manual da libras, conjunto de sinais que representam as letras do alfabeto romano, pode ser empregado nas línguas de sinais como um recurso para a incorporação de elementos das línguas orais. O objetivo deste trabalho foi analisar aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais de empréstimos do português na libras formados a partir de uma ou mais letras do alfabeto manual. Para isso, foram examinados 180 sinais, originalmente coletados por Xavier (2006) do dicionário de Capovilla e Raphael (2001). Nossos resultados mostram que fonologicamente predominam sinais monomanuais formados por uma ou duas letras manuais. Morfológicamente, são mais frequentes os sinais formados por uma letra do alfabeto manual combinada com outros elementos morfofonológicos. Por fim, lexicalmente, foi observada uma predominância de nomes comuns do português.

**PALAVRAS-CHAVE:** alfabeto manual; formação de sinais; libras.

**ABSTRACT:** *Libras manual alphabet, a set of signs that represent the letters of the Roman alphabet, can be used in signed languages as a resource for incorporating elements of oral languages. The goal of this paper was to analyze phonological, morphological and lexical aspects of Libras loan signs formed by one or more manual letters from the manual alphabet. To do so, 180 Libras signs, originally collected by Xavier (2006) from Capovilla and Raphael's (2001) dictionary, were examined. Our results show that, phonologically, one-handed signs formed by one or two manual letters predominate. Morphologically, signs formed by a letter of the manual alphabet combined with other morphophonological elements of Libras are more frequent. Finally, lexically, we observed a predominance of Portuguese common nouns.*

**KEYWORDS:** manual alphabet; sign formation; libras.

---

\* Professor do curso de licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Paraná, doutor em linguística pela Universidade Estadual de Campinas, andrexavier@ufpr.br, ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8464-1977>.

\*\* Professor do curso de licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal do Paraná, mestre em letras pela mesma universidade, clovis.souza@ufpr.br, ORCID <https://orcid.org/0000-0001-6980-2763>.

## 1 Introdução<sup>1</sup>

A língua brasileira de sinais, libras, é a língua da comunidade surda brasileira que, frente à comunidade ouvinte majoritária falante de português, se constitui como uma minoria linguística. Uma das consequências dessa condição e do constante contato entre a libras e a língua portuguesa é a incorporação de elementos desta última língua pela primeira. Línguas como a libras se constituem como alternativa linguística natural às pessoas surdas, já que, por se manifestarem através da modalidade gestual-visual ou viso-espacial, podem ser percebidas pela visão. Para as pessoas surdas, línguas como o português, de modalidade oro-auditiva, são segundas línguas ou línguas estrangeiras e sua aquisição/aprendizagem envolve mais do que adquirir/aprender uma estrutura gramatical diferente da sua primeira língua, mas também uma modalidade de produção e percepção diferentes<sup>2</sup>.

Um dos mecanismos empregados pelos surdos sinalizantes para “tomar emprestados” itens lexicais de línguas faladas é o alfabeto manual. Esse sistema consiste em um conjunto de sinais que representam cada uma das letras do alfabeto e, assim, se prestam a representar manualmente a forma escrita das palavras da língua oral.

Tipicamente, o alfabeto manual é empregado quando não há um sinal convencionalizado. Isso frequentemente ocorre com nome de pessoas e logradouros. Observa-se, no entanto, que o uso frequente dessas soletrações manuais, ou datilologias, pode levar à sua lexicalização. Através de processos de adaptação fonológica, essas soletrações acabam por sofrer diferentes processos fonológicos, entre eles a assimilação e o apagamento, para assim se conformarem aos padrões fonológicos da língua sinalizada.

O objetivo deste trabalho é analisar aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais de empréstimos do português na libras constituídos a partir de letras do alfabeto manual. Em relação a aspectos fonológicos, objetivamos verificar (1) de

---

<sup>1</sup> Tradução para a libras: <https://www.youtube.com/watch?v=HLZgEoygzoQ>

<sup>2</sup> O grau de perda auditiva varia entre as pessoas surdas, mas a maior parte dos surdos que formam a comunidade surda tem perdas de severas a profundas. Sendo assim, a percepção das línguas orais para elas se dá ou de forma precária pela leitura labial ou de forma indireta pela escrita, logo, também pela visão (CAPOVILLA, 2008).

quantas letras manuais, logo, de quantas configurações de mão, sinais formados a partir do alfabeto manual se constituem, a fim de contrastá-los com sinais nativos que tendem a apresentar uma ou no máximo duas configurações (BATTISON, 1978). Além disso, pretendemos observar (2) o número de mãos que participam da articulação do empréstimo, considerando que sinais nativos, diferentemente das letras do alfabeto manual da libras, sempre monomanuais, podem ser produzidos com uma ou duas mãos e, no caso de sinais bimanuais, com ambas ativas (sinais equilibrados) ou com uma mão ativa e a outra passiva (sinais não equilibrados).

Já em relação aos aspectos morfológicos, este trabalho objetiva analisar os empréstimos levantados com base nas categorias e subcategorias de análise propostas por Pinheiro e Xavier (2019). Precisamente, pretendemos verificar qual a estratégia de empréstimo por meio do alfabeto manual mais frequente: (3) a soletração, (4) a inicialização ou (5) hibridismo, isto é, combinação de uma letra do alfabeto manual com outros elementos morfofonológicos da libras. Os dados também serão analisados seguindo as subclasses propostas por Pinheiro e Xavier para os sinais soletrados e inicializados. Por fim, em relação aos aspectos lexicais, objetivamos determinar se, como em outras línguas, as palavras incorporadas são majoritariamente nomes (PADDEN; GUNSAULS, 2003).

Para atingir esse objetivo, organizamos o presente trabalho da seguinte forma. Na Seção 2, tratamos da origem dos alfabetos manuais, bem como de sua disseminação pelo mundo. Na Seção 3, discutimos o uso da soletração manual como decorrência do contato das línguas de sinais com línguas faladas e a variação em seu uso em função de variáveis sociolinguísticas. Na seção 4, resumimos alguns trabalhos que tratam especificamente do empréstimo linguístico nas línguas de sinais via alfabeto manual. Na Seção 5, descrevemos nosso método de coleta e análise dos dados. Por fim, apresentamos, na Seção 6, nossos resultados e, na Seção 7, nossas considerações finais.

## **2. Alfabeto manual: origem e disseminação pelo mundo**

Abernathy (1959) explica que a comunicação manual entre surdos se dá através de sinais, correlatas das palavras das línguas faladas, e do alfabeto

manual, que representa as letras do alfabeto. De acordo com o autor, uma diferença marcante entre esses dois sistemas é que o primeiro não depende da língua escrita, podendo ser usado por surdos que não entendem essa modalidade de uma dada língua ou a sua modalidade falada. Em contraste, a soletração manual corresponde à soletração de cada letra de uma palavra escrita, daí ser relacionada a uma língua oral específica.

Segundo Abernathy (1959), a soletração manual, ou datilologia, é de origem incerta, mas muito provavelmente anterior ao estabelecimento das línguas de sinais. O autor menciona que há evidências de que esses alfabetos eram comuns na Idade Média para o propósito de conversa silenciosa e secreta em ordens religiosas que adotavam o voto de silêncio.

A esse respeito, Reily (2007) explica:

O silêncio no período monástico, segundo regras estabelecidas por São Basílio Magno (Igreja oriental) no século IV d.C., era determinado para os noviços com o objetivo de levá-los a desvestirem-se dos costumes anteriores, purificando-se no silêncio para aprender uma nova maneira de viver. Entendia-se que o contato com o mundano contaminava a alma e o silêncio tinha a função de apagar as lembranças da vida pregressa (...). (REILY, 2007, p. 312)

Segundo Reily (2007, p. 314), o silêncio nos mosteiros reinava durante as atividades laborais cotidianas e daí surgiu uma comunicação através de sinais manuais. Esses sinais foram documentados em várias listagens com o objetivo de valorizar e divulgar a prática da comunicação silenciosa. A autora relata, no entanto, que nenhuma dessas listagens contém o alfabeto manual, o qual deve ter se desenvolvido independentemente. Ela explica:

Considerando o papel dos mosteiros da Idade Média como centros de cópias de livros clássicos e religiosos, alguns decorados de iluminuras, faz muito sentido que os monges que usavam sinais para se comunicarem silenciosamente no trabalho do campo também tivessem necessidade de criar sinais para as letras do alfabeto, a fim de que os escribas pudessem conferir suas cópias no contexto do *scriptorium*. (REILY, 2007, p. 314)

Reily (2007, p. 315) relata que a aprendizagem do alfabeto manual era valorizada entre os religiosos do sul da Europa para atender às necessidades de comunicação e confissão de pacientes enfermos e moribundos. Como ilustração

disso, a autora cita a obra “Consolo para os enfermos” do Padre Frei Melchior de Yebra, publicada postumamente em 1593. Nela há ilustrações de configurações de mão representando as letras do alfabeto.

Pedro Ponce de León (1520?-1584), um monge espanhol, é considerado o primeiro educador de surdos. De acordo com Abernathy (1959), ele se juntou aos beneditinos e passou a maior parte de sua vida no monastério, onde possivelmente não se conhecia o alfabeto manual. Com isso, o autor diz que Ponce de León não deve ter empregado esse recurso na educação de surdos.

Reily (2007) discorda disso, relatando que testemunhas oculares mencionam o uso de um alfabeto manual como recurso pedagógico por Ponce de León e que se acredita que tenha sido o mesmo de Yebra, publicado em 1593. A autora acrescenta que, embora o alfabeto manual tenha sido publicado após o falecimento de Ponce de León, é muito provável que os dois religiosos se conhecessem, já que ambos se relacionavam com a nobreza espanhola. Além disso, ela diz, “os alfabetos manuais certamente circulavam nos mosteiros da Espanha” (p. 321). É válido mencionar que o trabalho como educador de surdos do monge Pedro Ponce de León se iniciou quando este foi designado como tutor dos irmãos surdos Francisco e Pedro Fernández de Velasco y Tovar da nobreza espanhola (REILY, 2007, p. 321).

O mais antigo registro da recomendação de uso do alfabeto manual como recurso pedagógico na educação de surdos data de 1620 na obra “Reduccion de las Letras y Arte para Enseñar a Hablar los Mudos” de Juan Pablo Bonet (1929-?). Conforme explica Abernathy (1959), o alfabeto manual aí apresentado, com algumas modificações, é o mesmo usado ainda hoje nos Estados Unidos e na Europa. É importante dizer com base em Reily (2007, p. 316) que o alfabeto manual publicado na obra de Bonet é o mesmo da obra de Yebra citada anteriormente. Em razão de Bonet não citar sua fonte, Reily afirma que entre vários autores há suspeitas de plágio.

De acordo com Abernathy (1959), pouco se sabe sobre Bonet. Sabe-se que ele foi secretário do xerife de Castilha. Precisamente, segundo Reily (2007), Bonet foi secretário de Juan de Velasco, cujo pai era irmão de Francisco e Pedro de Velasco, educados por Ponce de León. Apesar do legado para a educação de surdos, não há evidências de que Bonet tenha sido educador de crianças surdas.

Abernathy relata que no prefácio de sua obra Bonet justifica que a produziu movido pelo sentimento de gratidão à família do xerife de Castilha, que tinha um filho surdo, Luis de Velasco.

Luis de Velasco foi educado por Manuel Ramirez de Carrion. Muito provavelmente, segundo Abernathy, esse processo foi acompanhado por Bonet, que o documentou em sua obra. Bonet recomenda o alfabeto manual como recurso para o ensino da fala.

Conforme relata Abernathy (1959), o alfabeto manual espanhol foi introduzido na França por Jacob Rodrigues Pereire (1715-1780), considerado o primeiro professor de surdos daquele país. Pereire tinha uma irmã surda, a quem educou usando um método que incluía o alfabeto manual para ensinar a fala.

Até aqui, vimos que a educação de surdos era restrita a poucos, em geral, a filhos de nobres. De acordo com Abernathy (1959), isso começou a mudar a partir da fundação da primeira escola pública para surdos em Paris pelo abade Charles-Michel de l'Épée. Reily (2007) relata que l'Épée tomou conhecimento da obra de Ponce de León e passou a empregar o alfabeto manual em sua instrução. Entretanto, o abade o fazia com um propósito diferente, pois “afirmava que a única maneira de chegar ao espírito dos surdos era pela via dos mesmos sinais pelos quais a natureza os inspira”. Sendo assim, diferentemente dos educadores que o precederam, l'Épée objetivou, através do alfabeto manual e de um sistema artificial de sinalização que criou para representar manualmente o francês, os *sinais metódicos*, o ensino da leitura e da escrita e não da fala.

Após a morte de l'Épée, o Instituto de Educação de Surdos-Mudos de Paris passou a ser dirigido por Sicard. Foi nesse período, conforme conta Abernathy (1959), que o Instituto recebeu a visita do norte-americano Thomas Hopkins Gallaudet, que retornou aos Estados Unidos na companhia do professor surdo Laurent Clerc e com ele fundou a primeira escola de surdos daquele país, disseminando lá tanto os sinais metódicos franceses como o alfabeto manual espanhol.

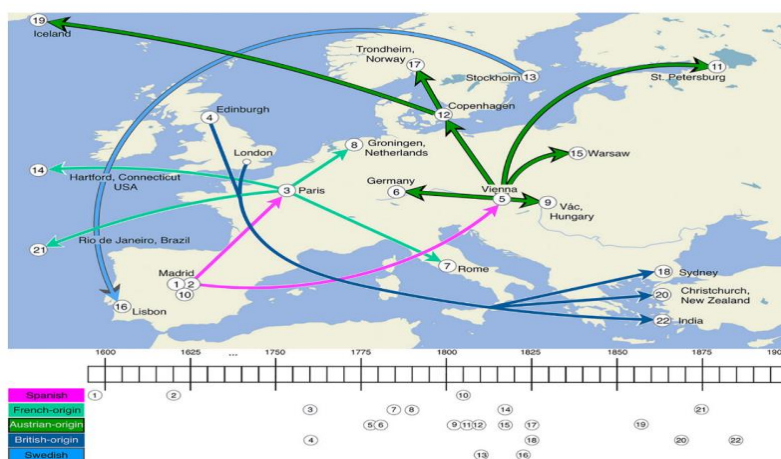
Em suma, vimos que o alfabeto manual, desenvolvido originalmente em mosteiros para fins de comunicação silenciosa, foi cooptado para educação de

surdos por religiosos espanhóis e, posteriormente, por um religioso francês, que contribuiu com sua disseminação para outras partes do mundo, entre elas, os Estados Unidos.

Power, Grimm e List (2020) nos apresentam um quadro mais completo dessa disseminação, uma vez que, em seu trabalho, tentaram estabelecer relações genéticas entre diferentes línguas de sinais a partir de seus alfabetos manuais. Os referidos autores compararam 40 alfabetos manuais contemporâneos e 36 antigos com base na forma das letras manuais, quando estas são semelhantes entre si, ou com base no som representado pela letra do alfabeto escrito, quando estes são diferentes entre si. Fundamentados nisso e em informações históricas relacionadas à fundação de escolas de surdos, migrações conhecidas de sinalizantes surdos e publicações de alfabetos manuais anteriores ao século XVIII, os autores conseguiram estabelecer oito linhagens e hipotetizar sua dispersão.

As oito linhagens estabelecidas são a espanhola, a francesa, a austríaca, a britânica, a sueca, a afegã-jordaniana, a russa e a polonesa. A dispersão hipotética das cinco primeiras é apresentada na Figura 1. A linha do tempo abaixo do mapa indica, através de números, o momento dessa dispersão. Para isso, os autores se basearam, como já dito, no ano do estabelecimento de instituições de ensino para surdos, de migrações conhecidas de sinalizantes e de publicações de alfabetos manuais.

Figura 1– Disseminação hipotética das línguas de sinais europeias do final do século XVI ao final do século XIX



Fonte: Power, Grimm e List (2020, p. 12).

Chamamos a atenção para a linhagem francesa que, para Power, Grimm e List (2020), embora tenha incorporado o alfabeto manual espanhol, semelhantemente à austríaca, se desenvolveu independentemente dela. Uma das razões para isso, segundo os autores, foi o pouco contato entre sinalizantes dessas três linhagens. Ainda em relação à linhagem francesa, indicada no mapa da Figura 1 pela linha verde-clara, vê-se que ela se dispersou para pelo menos quatro diferentes partes do mundo: Roma; Groningen, nos Países Baixos; Hartford, nos Estados Unidos; e Rio de Janeiro, no Brasil. Assim como nos Estados Unidos, o alfabeto manual e a língua de sinais francesa chegam ao Brasil pela vinda de um professor surdo francês, Ernest Huet, que ajudou a fundar a primeira escola de surdos em nosso país, atualmente chamado de INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), e o dirigiu em seus primeiros anos (BERENZ, 2003).

### **3. Aspectos sociolinguísticos da soletração manual: contato linguístico entre línguas sinalizadas e línguas faladas e variação no uso**

Segundo Adams (2012), observa-se nas comunidades surdas do mundo contato tanto entre uma língua de sinais e uma língua oral, quanto entre duas línguas de sinais. A maioria dos estudos se concentra no primeiro tipo de contato, explorando a situação de bilinguismo bimodal experienciado pelas pessoas surdas e os efeitos que ele tem nas línguas sinalizadas. Esses efeitos são de tipos variados, abrangendo, além do bilinguismo, o uso de pidgins, códigos manuais, língua de sinais de contato, empréstimos linguísticos, soletração manual, oralização e alternância (*code-switching*), mistura (*code-mixing*) e sobreposição (*code-blending*) de códigos. Esses três últimos processos ocorrem quando sinalizantes usam o vocabulário e/ou a gramática da língua oral durante a produção de enunciados em línguas de sinais (e vice-versa) de forma intersentencial, intrassentencial e simultânea, respectivamente (ADAM, 2012, p. 844). A ocorrência da alternância e da mistura de códigos implica a interrupção da sinalização ou da fala, o que raramente acontece. O mais comum, de acordo com Adam, é a sobreposição de códigos, provavelmente porque as línguas de



sinais e as línguas orais fazem uso de articuladores diferentes e que, por essa razão, podem ser usados ao mesmo tempo.

Ainda segundo Adams (2012, p. 848), não há consenso entre os pesquisadores quanto ao estatuto da soletração manual. Embora, para alguns, ela seja considerada parte das línguas de sinais, para outros ela é um elemento externo a elas. Independentemente disso, Quinto-Pozos (2007) considera a soletração manual como um dos recursos que permitem às línguas sinalizadas a mistura de códigos envolvendo línguas faladas, uma vez que, por meio do alfabeto manual, se pode representar a forma gráfica de palavras destas dentro de enunciados em línguas sinalizadas.

Padden e Gunsauls (2003) relatam que em 1878 um educador chamado Zenas Westervelt anunciou em uma conferência de educadores a criação de um novo método de ensino para surdos que consistia no uso exclusivo do alfabeto manual para a comunicação entre professores e alunos surdos e entre esses últimos. Esse método, que ficou conhecido como Rochester, ficou em voga por mais de 70 anos e deve ter desempenhado um importante papel no arraigamento do alfabeto manual na comunidade surda norte-americana<sup>3</sup>. Estima-se que a soletração manual representa entre 12% a 35% do discurso sinalizado na ASL<sup>4</sup>.

De acordo com Padden e Gunsauls (2003), a soletração manual é empregada não apenas como uma ferramenta para importar palavras do inglês<sup>5</sup>, mas também para contrastar o vocabulário cotidiano e familiar com o estrangeiro e científico. Como ilustração disso, as autoras relatam uma observação que fizeram em uma aula de matemática em que uma professora surda soletra manualmente a palavra do inglês *problem* ‘problema’ para se

---

<sup>3</sup> De acordo com Padden e Gunsauls (2003), há países, como a Escócia, em que o método Rochester também foi empregado na educação de surdos, mas não levou a um uso tão marcante do alfabeto manual na sinalização como nos Estados Unidos.

<sup>4</sup> Segundo Padden e Gunsauls (2003), a frequência considerável de soletração manual em meio à sinalização na ASL pode decorrer também das altas taxas de letramento entre os estudantes e adultos surdos. Além disso, as autoras citam uso da soletração manual como uma forma de demonstrar domínio do inglês e, portanto, como um contra-argumento aos oralistas que defendiam que esse domínio só poderia ser alcançado pela oralização.

<sup>5</sup> Padden e Gunsauls (2003) reportam que se observa, menos comumente na ASL, a soletração de sintagmas e até mesmo sentenças. Segundo as autoras, esse tipo de soletração se dá para que se criem certos efeitos discursivos. Elas ilustram isso citando um vídeo de George Veditz em que ele soletra uma passagem da Bíblia como forma de evocar a autoridade do texto sagrado.

referir a um problema matemático e assim distingui-lo de problemas cotidianos, expresso pelo sinal PROBLEM ‘problema’ da ASL.

Neste trabalho de 2003, Padden e Gunsauls reportam também os resultados de dois estudos que realizaram. O primeiro deles objetivou observar se o uso da soletração é afetado pelo grau de escolaridade dos sinalizantes. Para isso, as autoras analisaram produções de 14 surdos nativos da ASL, de diferentes regiões dos Estados Unidos, com diferentes níveis educacionais, profissões, sexos e idades. As 2.164 soletrações manuais coletadas dessas produções foram classificadas de acordo com a categoria gramatical da palavra do inglês. Como resultado, elas observaram que o inventário das palavras soletradas não é distribuído de forma equilibrada por categoria gramatical, já que quase 70% dos itens lexicais soletrados são nomes, equilibradamente divididos entre próprios e comuns. Adjetivos e verbos foram atestados, em menor proporção, enquanto outras categorias, como preposições, artigos, afixos, foram mais raras. Somando-se a isso, Padden e Gunsauls (2003) relatam que esses resultados não variaram em função do grau de escolaridade dos sinalizantes, com exceção de uma pequena diferença na frequência de nomes próprios e comuns. Segundo as autoras, sinalizantes mais jovens, com menos escolaridade e da classe operária apresentaram maior ocorrência de nomes próprios, porque devem empregar a soletração mais frequentemente para nomear pessoas e lugares. Diferentemente, sinalizantes com mais escolaridade utilizaram mais nomes comuns, porque devem ter maior necessidade de vocabulário técnico e especializado.

Com esse estudo, Padden e Gunsauls (2003) demonstram que o uso do alfabeto manual na ASL é seletivo, isto é, voltado à representação majoritariamente de nomes do inglês em contextos altamente restritivos. A isso as autoras atribuem o fracasso do método Rochester que propunha o uso indiscriminado da soletração para a representação de todas as palavras da língua inglesa.

O segundo estudo reportado por Padden e Gunsauls (2003) objetivou determinar a proporção de soletração manual em meio à sinalização em ASL. Para isso, as autoras analisaram dados de 36 sinalizantes, 18 nativos e 18 não nativos, com diferentes graus de escolaridade e de faixas etárias distintas. Esses

dados consistiram na frequência de soletrações manuais observada em um fragmento de sinalização contendo 150 sinais de cada sujeito. Os resultados desse estudo indicam que, em média, a soletração ocorre entre 10% e 15% do tempo. Essa frequência, além de variar entre os sinalizantes, é afetada pelo tópico (maior quando relacionado a questões técnicas), pela idade de aquisição da ASL (nativos soletram um pouco mais do que não-nativos) e pela escolaridade (nativos com maior escolaridade soletram mais do que nativos com menor escolaridade).

#### **4. Empréstimos linguísticos via alfabeto manual**

A condição de língua minoritária das línguas sinalizadas e o constante contato com as línguas orais majoritárias favorecem a incorporação de elementos destas por aquelas. Essa incorporação, chamada de *empréstimo linguístico*, tipicamente envolve itens lexicais. Com base em Adam (2012), pode-se dizer que empréstimos lexicais normalmente ocorrem quando falantes ou sinalizantes lançam mão de palavras de outra língua para fazer referência a um determinado conceito que, por ser novo ou estrangeiro, ainda não dispõe de uma forma convencionalmente estabelecida para sua expressão na sua primeira língua. Os empréstimos nas línguas sinalizadas, de acordo com Adam (2012), podem se dar através de diferentes mecanismos, a saber, a soletração manual ou datilologia, a inicialização, a oralização e os calques.

Battison (1978) foi o primeiro pesquisador a investigar empréstimos linguísticos do inglês na língua de sinais americana, ASL (do inglês *American Sign Language*). Em sua obra publicada em 1978, o autor descreveu nove mudanças que a soletração manual pode sofrer na formação de sinais soletrados. São elas: apagamento; alteração na locação, na configuração de mão, no movimento e/ou na orientação; reduplicação; acréscimo da mão não-dominante; envolvimento morfológico e alteração semântica (BATTISON, 1978, p.78). Essas mudanças serão definidas e ilustradas a seguir.

O apagamento se refere à supressão de uma letra ou de uma configuração de mão em um sinal soletrado, como se pode ver no sinal #SURE<sup>6</sup> ‘certeza’. Precisamente, observa-se nesse caso o apagamento da letra U (Figura 2).

Figura 2 – Sinal soletrado SURE ‘certeza’ da ASL



Fonte: Battison (1978, p.103).

Para ilustrar a alteração na configuração de mão, Battison (1978) cita o sinal soletrado #EARLY, no qual, além do apagamento da letra manual A, observa-se também a articulação das letras R+L como L+Y (Figura 3).

Figura 3 – Sinal EARLY ‘cedo’ da ASL



Fonte: Battison (1978, p.113).

No sinal #EARLY pode-se ver ainda a adição de movimento. Nas soletrações manuais, em geral, a mão não se move no espaço ou se move para o lado retilinearmente. No caso em questão, observa-se a adição de um movimento circular.

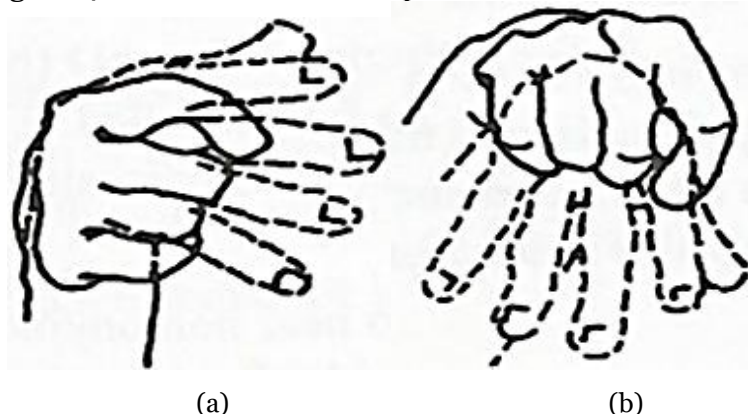
Battison (1978) ilustra alterações na orientação da palma citando os sinais #WHAT ‘o que’ (Figura 4a) e #BUT ‘mas’ (Figura 4b). No primeiro se vê que

---

<sup>6</sup> O sustenido (#) é empregado por Battison (1978) para indicar que o sinal resulta da lexicalização da soletração manual de uma palavra do inglês.

orientação é para o lado e no segundo, para baixo, o que difere da soletração manual típica, em que a palma aparece normalmente orientada para frente.

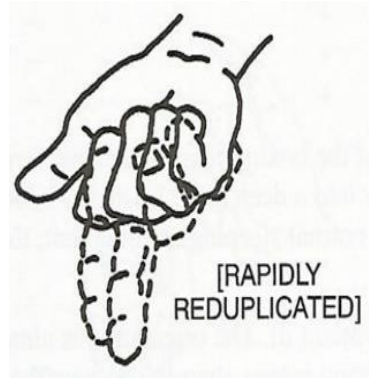
Figura 4 – Sinal(a) WHAT ‘o que’ e (b) BUT ‘mas’ da ASL



Fonte: Battison (1978, p.109).

A reduplicação é observada no sinal soletrado #HA ‘Ha (interjeição)’, no qual o movimento, produzido pela flexão dos dedos indicador e médio, é repetido (Figura 5).

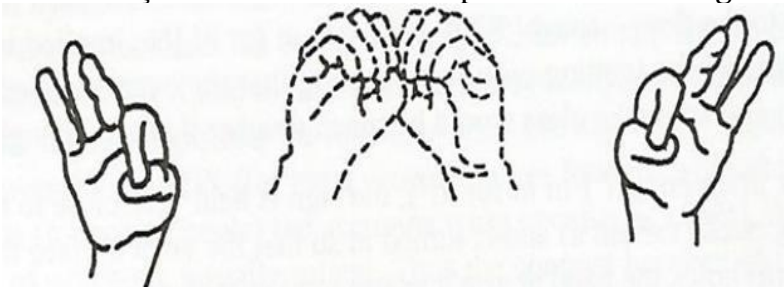
Figura 5 – Sinal soletrado #HA ‘Ha (interjeição)’ da ASL



Fonte: Battison (1978, p.79).

O acréscimo da mão não-dominante e a consequente soletração com duas mãos, segundo Battison (1978), é observada no sinal #OFF (Figura 6).

Figura 6 – Soletração com duas mãos da palavra OFF ‘desligado’ da ASL ’

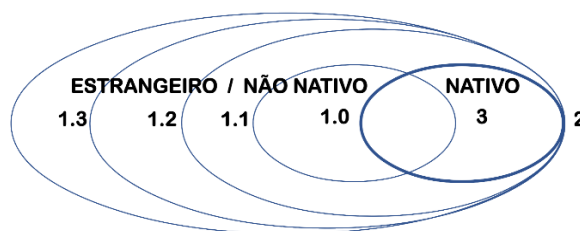


Fonte: Battison (1978, p. 94).

Nesse mesmo sinal é ainda possível observar o que Battison (1978) denomina envolvimento morfológico e alteração semântica. O autor diz que na ASL ‘off’ pode ser usado como um verbo, havendo, portanto, uma mudança na classe gramatical e no seu significado, que pode, por exemplo, expressar a idéia de ‘parar’ em enunciados como ‘parei de fumar’.

Com base na existência de vocabulário nativo e oriundo de empréstimo na ASL, Brentari e Padden (2001) propõem uma estrutura para o léxico dessa língua, levando em conta não apenas isso, mas também o fato de que os empréstimos linguísticos podem apresentar diferentes graus de lexicalização. Conforme se pode ver na Figura 7, de acordo com a proposta das autoras, o léxico da ASL é formado por um componente nativo (3) e um componente não-nativo formado por quatro níveis.

Figura 7 – Estrutura do léxico das línguas de sinais



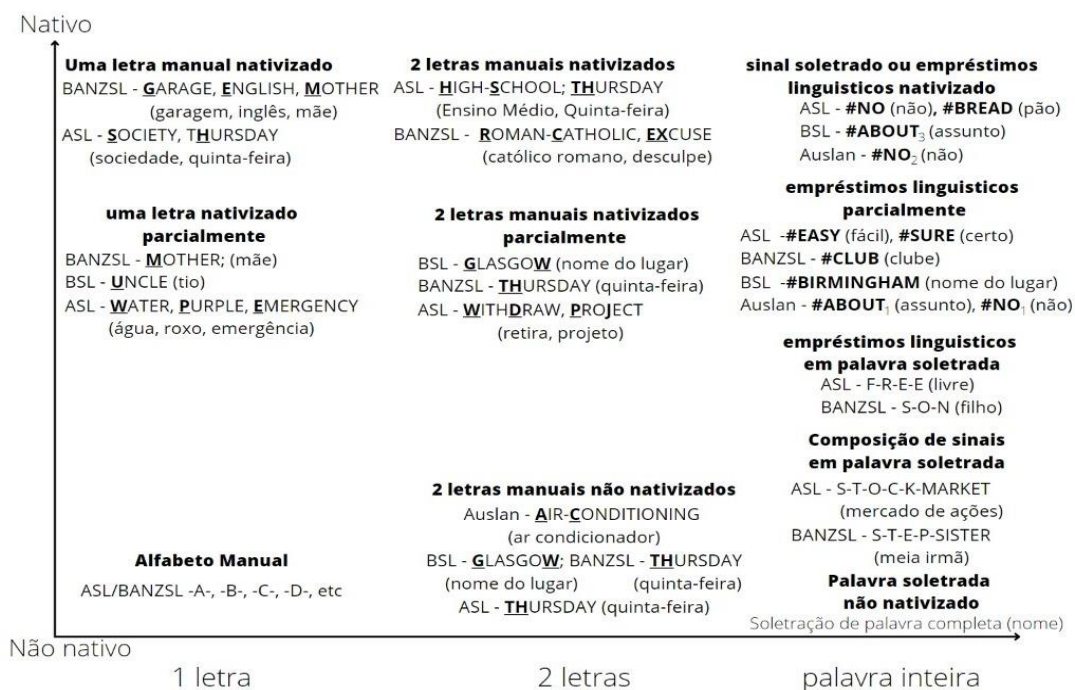
FONTE: Tradução de Brentari e Padden (2001, p. 89).

O primeiro nível (1.0) inclui formas inicializadas, ou seja, sinais como [FAMILY](#) ‘família’ em que a configuração de mão original foi substituída por uma letra do alfabeto manual para fazer referência à inicial da palavra correspondente em inglês. O segundo nível (1.1) abrange soletrações de abreviaturas, isto é, sinais como [VICE-PRESIDENT](#) ‘vice-presidente’,

constituído da soletração de apenas duas letras. O terceiro (1.2), por sua vez, se refere a sinais pessoais que, segundo Brentari e Padden (2001), se constituem de um conjunto muito limitado de configurações de mão do alfabeto manual, de localizações e de movimentos. Elas citam como exemplo o sinal da segunda autora de seu trabalho, Carol Padden, que é formado pela letra manual C combinada com um movimento de vai-e-vem lateral no espaço neutro. Por último, no nível 1.3, as autoras incluem sinais que, diferentemente dos citados anteriormente, são diretamente derivados de soletrações manuais de palavras do inglês, como, por exemplo, como #**JOB** ‘serviço’.














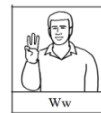


Seguindo essa mesma linha, Cormier, Schembri e Tyrone (2008) comparam os diferentes graus de nativização de sinais formados a partir de letras manuais na ASL e na língua de sinais britânica, BSL (do inglês *British Sign Language*). Isso é ilustrado na Figura 8 e no Quadro 1 a seguir.

Figura 8 – Grau de nativização da soletração manual na ASL e na BSL



Fonte: traduzido de Cormier, Schembri e Tyrone (2008, p.22).

NATIVO Quadro 1 – Sinais formados por letras do alfabeto manual na ASL e na BSL em diferentes graus de lexicalização

<p><b>ASL</b></p>  <p>a) <u>T</u>HURSDAY<sub>3</sub> (p.35)</p>	<p><b>BSL</b></p>  <p>d) <u>M</u>OTHER<sub>2</sub> (p.24)</p>	<p><b>ASL</b></p>  <p>g) <u>H</u>I<u>G</u>H-<u>S</u>CHOOL (p.28)</p>	<p><b>BSL</b></p>  <p>j) <u>R</u>OMAN-<u>C</u>ATHOLIC (p.27)</p>	<p><b>ASL</b></p>  <p>m) #NO (p.30)</p>	<p><b>BSL</b></p>  <p>q) #ABOUT<sub>3</sub> (p.33)</p>
<p><b>Nativização completa de 1 letra</b></p>		<p><b>Nativização completa de 2 letras</b></p>		<p><b>Nativização completa de uma palavra</b></p>	
<p><b>ASL</b></p>  <p>b) <u>W</u>ATER (p.10)</p>	<p><b>BSL</b></p>  <p>e) <u>M</u>OTHER<sub>1</sub> (p.24)</p>	<p><b>ASL</b></p>  <p>h) <u>P</u>ROJECT (p.20)</p>	<p><b>BSL</b></p>  <p>k) <u>G</u>LASGOW<sub>2</sub> (p.26)</p>	<p><b>ASL</b></p>  <p>n) #SURE (p.29)</p>	<p><b>BSL</b></p>  <p>r) #CLUB (p.29)</p>
<p><b>Nativização parcial de 1 letra</b></p>		<p><b>Nativização parcial de 2 letras</b></p>		<p><b>Nativização parcial de uma palavra</b></p>	
<p><b>Única letra</b></p>		<p><b>Não nativizado com 2 letras</b></p>		<p><b>palavra comum</b></p>	
 <p>Hh</p>	 <p>Ww</p>	 <p>i) <u>T</u>HURSDAY (p.34)</p>		 <p>l) <u>G</u>LASGOW<sub>1</sub> (p.25)</p>	
<p>c) ASL p.(6)</p>		<p>f) BSL p.(8)</p>		<p>o) F-R-E-E</p>	
				<p>p) S-T-O-C-K-MARKET</p>	
				<p>s) S-O-N</p>	
				<p>t) S-T-E-P-SISTER</p>	
				<p><b>sinal + palavra composta</b></p>	
				<p><b>Palavra Soletrada</b> Ex: nome de pessoas ou de lugares</p>	

NÃO NATIVO

1 letra

2 letras

Palavra inteira

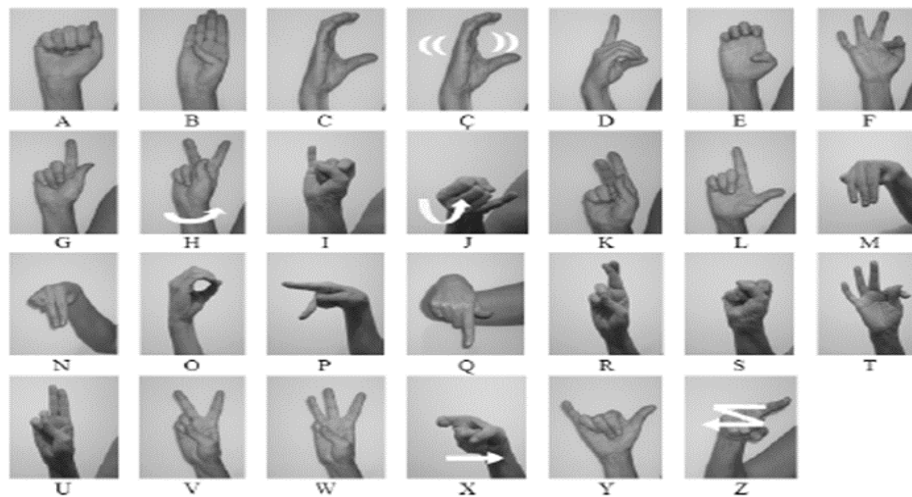
Fonte: Traduzido e adaptado pelos autores.



#### 4.1 Empréstimos linguísticos via alfabeto manual na libras

O alfabeto manual empregado na libras é constituído de 27 sinais, a maioria estática (Figura 9). Apresentam movimento apenas as letras manuais H, J, K, X, Y e Z. Em geral, as formas das mãos são visualmente bem distintas entre si, havendo, no entanto, alguns casos em que as diferenças são mínimas, a saber, C vs O (ausência vs presença de contato entre os dedos), F vs T (posição do polegar), M vs N e V vs W (quantidade de dedos), U vs V (adução vs abdução dos dedos) e G vs Q (orientação da palma). Durante a soletração, normalmente, a mão fica parada, apresentando somente mudanças nas posições dos dedos. Em alguns casos, entretanto, a mão pode se mover para o lado direito no caso de surdos destros ou esquerdo, no caso de surdos canhotos.

Figura 9 – Alfabeto manual da libras



Fonte: Xavier e Agrella (2015, p. 146).

Segundo Quadros e Karnopp (2004, p.88),

“a soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a sequência de letras escritas do português”.

As autoras propõem que esse recurso é normalmente empregado, por exemplo, quando se quer fazer referência a uma palavra técnica (Figura 10) para a qual não há um sinal.

Figura 10 – Exemplo de palavra técnica do alfabeto manual



Fonte: Quadros e Karnopp (2004, p. 88).

Nascimento (2010) realizou o primeiro estudo acerca de empréstimos na libras advindos do português. A autora coletou 1720 sinais da versão de 2005 do dicionário Acessibilidade Brasil (FELIPE; LIRA, 2005). Esses dados foram classificados em cinco tipos. O primeiro e mais frequente se refere a casos em que a configuração visual dos lábios, ou seja, a oralização de uma palavra do português é co-produzida com um sinal manual. O segundo tipo, *empréstimos transliterados*, corresponde a soletrações de nomes próprios ou de conceitos para os quais ainda não há um sinal convencionalizado. Essa categoria também inclui soletrações nativizadas, ou seja, que já passaram por processos de adaptação fonológica e/ou semântica. Os três últimos tipos dizem respeito, respectivamente, a sinais que representam formas gráficas e geométricas (*estereotipados*), sinais que representam palavras com grafias idênticas ou parecidas (*cruzados*) e (de)calques.

Em um estudo posterior, Cordeiro (2019) se concentrou em sinais soletrados coletados da versão 3 do dicionário Acessibilidade Brasil (FELIPE, 2011). O autor reporta ter identificado 122 sinais desse tipo, bem como a ocorrência de processos de acomodação fonológica em alguma letra manual. Os mais frequentes, de acordo com ele, envolveram a reestruturação da configuração de mão e da orientação da palma, bem como o apagamento de letras manuais.

Semelhantemente a Nascimento (2010), Pinheiro e Xavier (2019) coletaram dados da versão de 2005 do dicionário Acessibilidade Brasil. Diferentemente da autora e de Cordeiro (2019), consideraram todos os sinais

formados por pelo menos uma letra manual. Pinheiro e Xavier levantaram 114 dados nas seções referentes às letras de ‘a’ e ‘e’ do referido dicionário. Conforme mostra a Figura 11, esses dados foram categorizados como *inicializados*, ou seja, como sinais cuja configuração original foi substituída por uma letra do alfabeto manual<sup>7</sup>, *soletrados*, isto é, como sinais resultantes da soletração manual de uma palavra do português, e como *híbridos*<sup>8</sup>, ou seja, como sinais formados por uma letra manual e outros elementos morfofonológicos, em geral expressos por localizações ou movimentos da libras. Trata-se de formações em que, diferentemente dos inicializados, não há uma base.

Figura 11 – Categorias e subcategorias de análise propostas por Pinheiro e Xavier (2019)



Fonte: Pinheiro e Xavier (2019, p. 49).

Pinheiro e Xavier propuseram ainda subcategorias para os sinais inicializados e soletrados. Entre os primeiros, os autores diferenciaram as *derivações*, ou seja, casos em que o sinal inicializado derivou de uma base com significado relacionado, mas diferente dele, de *variações*, isto é, casos em que a forma inicializada e a forma não inicializada são sinônimas<sup>9</sup>. Já para os sinais

<sup>7</sup> É importante dizer que, sem acesso a dados diacrônicos, nossa análise de um sinal formado por uma letra manual como sendo derivado de outro cuja configuração não se relaciona ao alfabeto manual, se pautou, seguindo Pinheiro e Xavier (2019), na observação de proximidade de aspectos formais e semânticos da suposta forma inicializada com a suposta forma primitiva. Consideramos que estudos futuros, com base em registros históricos, poderão confirmar ou não as análises aqui propostas.

<sup>8</sup> Autores como Adam (2012) tratam esses casos como sinais formados por letra(s).

<sup>9</sup> Pinheiro e Xavier (2019) relatam que há casos em que não é possível se a forma inicializada derivou de um sinal nativo ou se ela, pela ocorrência de processos fonológicos, passou a apresentar uma configuração que já não remete mais a uma letra do alfabeto manual.

soletrados, como se pode ver na Figura 11, estes foram subcategorizados levando-se em conta, primeiramente, se a soletração é *parcial* ou *total* e, neste último caso, se se trata da soletração completa de uma *palavra* ou de um *acrônimo ou sigla* do português. Em relação aos acrônimos/siglas, Pinheiro e Xavier ainda separaram aqueles que representam as mesmas letras que os originais em português e, por isso, chamados por eles de *convencionalizados* (em português), daqueles que parecem ser inovações/criações da comunidade surda, por isso *não convencionalizados* (no português). Casos que não puderam ser classificados em nenhuma dessas categorias e subcategorias foram agrupados na categoria ‘outros’. Os resultados do estudo de Pinheiro e Xavier (2019) serão cotejados com os do presente na seção 6.

## 5. Método

Os dados analisados neste trabalho são oriundos do banco de sinais criado por Xavier (2006) a partir do dicionário de Capovilla e Raphael (2001). Esse banco foi constituído pelo autor a partir da seleção de 2274 sinais monolexêmicos e de sua classificação com base nas descrições articulatórias apresentadas no referido dicionário. Essa classificação foi realizada por meio do programa Access do pacote Office da Microsoft. Vale mencionar que Xavier reporta ter excluído 2.061 entradas do dicionário por remeterem a formas morfológicamente complexas. Dentre elas, ele excluiu 75 soletrações manuais semelhantes à ilustrada na Figura 12 que, diferentemente dos sinais soletrados que incluiu e que analisamos aqui, apresentam um grande número de letras manuais e, pela descrição do dicionário, não parecem ter sofrido ainda processos fonológicos que sugiram sua lexicalização.

Figura 12– Exemplo de soletração manual excluída por Xavier (2006) do dicionário de Capovilla e Raphael (2001)



Fonte: Capovilla e Raphael (2001, p. 513) apud Xavier (2006, p. 79).

Para este trabalho, foram selecionados do banco de dados de Xavier (2006) apenas os sinais que incluem em sua formação pelo menos uma das letras do alfabeto manual da libras. Esses sinais foram classificados de acordo com as categorias de análise e seus respectivos valores listados no Quadro 2. Tais categorias se vinculam aos objetivos desta pesquisa, apresentados e descritos na Introdução.

Quadro 2 – Categorias de análise

Categorias de análise		Valores	
Fonologia	Número de configurações de mão	Duas configurações de mão	
		Três configurações de mão	
		Mais de três configurações de mão	
	Número de mãos	Uma mão	
Duas mãos		Ativas	Uma ativa e outra passiva
Morfologia	Híbridos	Parâmetros aparentemente imotivados	
		Parâmetros aparentemente motivados	
	Inicializados	Derivação	
		Variação	
	Soletrados	Parcial	
		Total	Palavra
Acrônimos/siglas convencionalizados			
Acrônimos/siglas não convencionalizados			
Léxico	Classe gramatical da palavra-fonte do português: Nome, adjetivo, artigo, numeral, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção, interjeição.		

Fonte: Elaborado pelos autores.

## 6. Resultados

Foram identificados entre os 2274 sinais do banco de Xavier (2006) 180 sinais que, com base na descrição de seus aspectos formais no dicionário, são

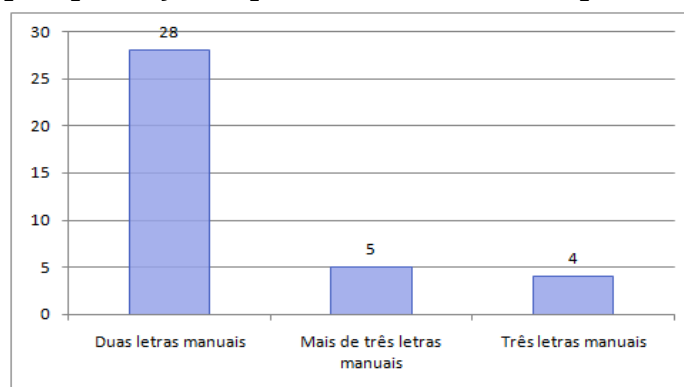
constituídos por pelo menos uma letra do alfabeto manual<sup>10</sup>. A seguir, apresentamos os resultados obtidos da classificação desses sinais em termos dos aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais listadas no Quadro 2.

### 6.1 Aspectos fonológicos

A classificação desses 180 sinais em termos da propriedade fonológica ‘número de configurações de mão’ revelou que entre os sinais soletrados predominam os formados por duas letras manuais, ou seja, por duas configurações de mão, CM (

Figura 13), produzidas sequencialmente. Ilustramos esses sinais, bem como os menos frequentes formados por três ou mais configurações de mão, respectivamente, com os sinais BOLETIM-DE-OCORRÊNCIA (Figura 14a), C.L.T (Figura 14b) e VOV@ (Figura 14c).

Figura 13 – Empréstimos da libras formados a partir da soletração manual classificados pela produção sequencial e simultânea e pelo número de letras

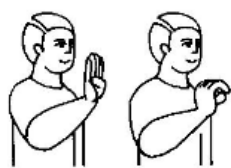


Fonte: Elaborado pelos autores.

---

<sup>10</sup> É importante dizer que em alguns casos Capovilla e Raphael (2001) usam as letras do alfabeto manual para descrever a configuração de mão de um sinal (cf. ARROZ, p. 228). Com a ajuda do segundo autor deste trabalho, que é surdo, foi necessário separar esses casos daqueles que são de interesse deste trabalho.

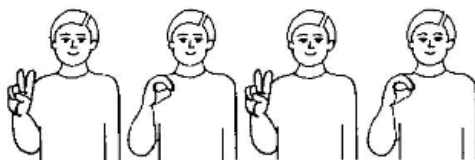
Figura 14 – Exemplo de empréstimo do português na libras formado a partir da produção sequencial de (a) duas, (b) três e (c) mais letras



(a) BOLETIM-DE-OCORRÊNCIA (p. 304)



(b) C.L.T. (p. 418)



(c) VOV@ (p. 1330)<sup>11</sup>

Fonte: Capovilla e Raphael (2001).

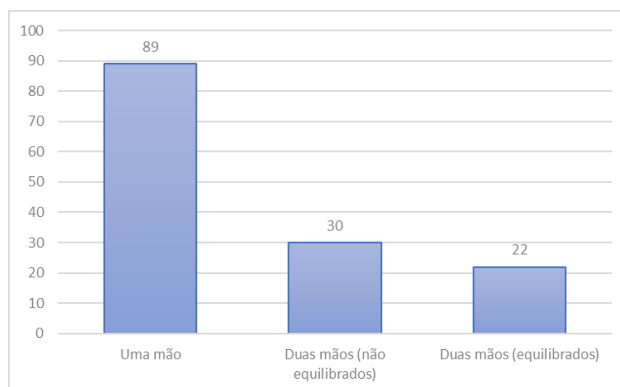
Em relação ao ‘número de mãos’, constatamos que, assim como na datilologia, os sinais soletrados são exclusivamente articulados com uma mão<sup>12</sup>. Em contraste, os sinais formados a partir da combinação de letra(s) do alfabeto manual com outros aspectos morfofonológicos podem variar nesse aspecto, como se pode ver no gráfico em 15. Nota-se, entretanto, que, apesar de haver entre eles sinais bimanuais equilibrados tais como FELIZ (Figura 16b) e não equilibrados como CURSO (Figura 16c), predominam aqueles articulados com apenas uma mão tais como DIREITO (Figura 16a).

---

<sup>11</sup> Na sinalização corrente, observamos que a realização desse sinal já sofreu alterações fonológicas. Comumente, a letra manual ‘ô’ é produzida com os mesmos dedos, indicador e médio, e com a mesma orientação da palma, para frente, empregados na produção da letra manual ‘v’.

<sup>12</sup> Embora não constem no dicionário que serviu de fonte para este trabalho, há sinais como B-E-M, F-I-M e O-B-A que consistem em soletrações realizadas ao mesmo tempo pelas duas mãos. Sinais desse tipo parecem ser raros e observamos para os dois primeiros dele já um processo de simplificação: numa variante de B-E-M observam-se apenas duas das três letras manuais originais e numa variante do sinal F-I-M observa-se apenas a primeira letra manual F.

Figura 15 – Empréstimos da libras formados a partir do alfabeto manual (exceto os soletrados) classificados pelo parâmetro fonológico arranjo das mãos



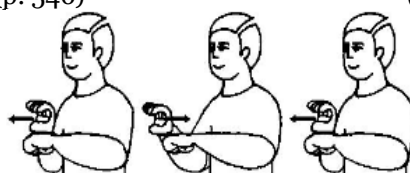
Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 16 – Exemplo de empréstimos do português na libras formados por uma letra do alfabeto manual (a) monomaneal, (b) equilibrado e (c) não equilibrado



(a) DIREITO (p. 546)

(b) FELIZ (p. 660)



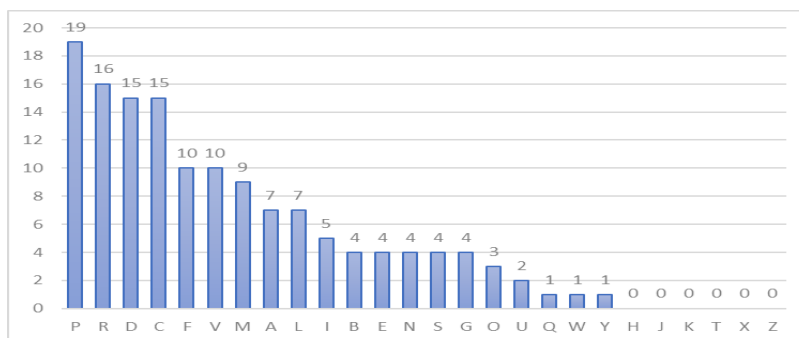
(c) CURSO (p. 489)

Fonte: Capovilla e Raphael (2001).

Interessante notar que algumas letras do alfabeto manual, logo, algumas configurações de mão, participam mais recorrentemente na formação de sinais a partir da combinação de letra(s) do alfabeto manual com outros aspectos morfofonológicos (cf. P à V), outras mais moderadamente (cf. M à U), outras raramente (cf. Q, W e Y) e outras nunca (cf. H à Z), pelo menos nos dados aqui considerados (Figura 17).



Figura 17 – Frequência das configurações de mão em sinais formados a partir de uma única letra do alfabeto manual

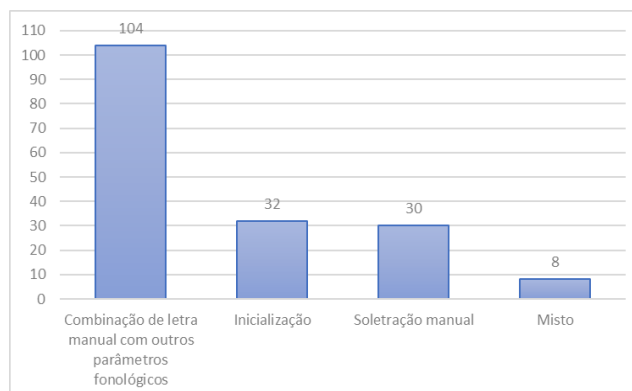


Fonte: Elaborado pelos autores.

## 6.2 Aspectos morfológicos

O gráfico em 18 mostra que, dentre os diferentes tipos de empréstimos identificados nos dados, com base em Pinheiro e Xavier (2019), há uma predominância dos sinais formados através da combinação de uma letra do alfabeto manual com outros elementos morfofonológicos, denominados pelos autores como híbridos.

Figura 18 – (a) empréstimos do português na libras formados pela soletração manual ou por letra(s) do alfabeto manual

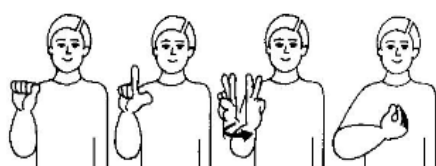


Fonte: Elaborado pelos autores.

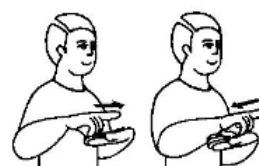
Essa classificação revelou também que além das categorias esperadas – soletração (cf. ALHO, Figura 19a), inicialização (cf. DICIONÁRIO, Figura 19b) e combinação de uma letra do alfabeto manual com outros elementos morfofonológicos da libras, especificamente, localizações e/ou movimentos (cf. FRANÇA, Figura 19c) – foram identificados casos que parecem combinar os

dois primeiros tipos, dado que se constituem de sinais soletrados realizados em localizações e/ou com movimentos diferentes dos observados na datilologia típica (cf. JAÚ, Figura 19d).

Figura 19 – Exemplos de sinais soletrado (a), inicializado (b), híbrido (c) e misto (d)



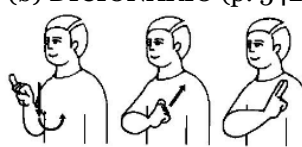
(a) ALHO (1) (p. 177)



(b) DICIONÁRIO (p. 542)



(c) FRANÇA (p. 688)



(d) JAÚ (p. 778)

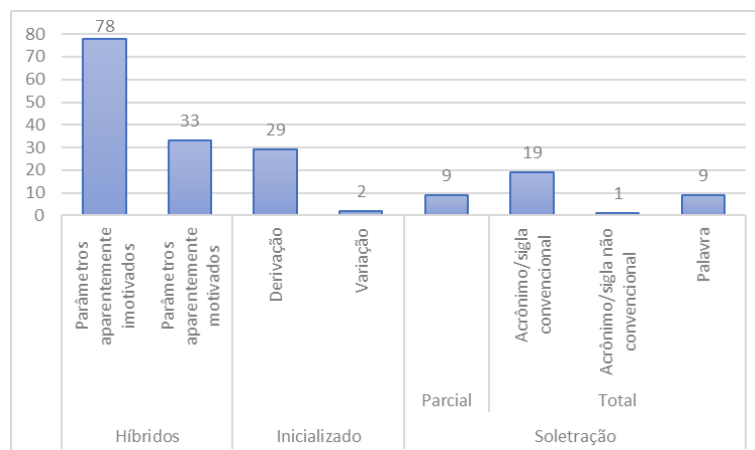
Fonte: Capovilla e Raphael (2001)

Os sinais híbridos são mais frequentes (Figura 20). Sua análise sugere que entre eles há casos em que a localização e/ou o movimento com o qual a(s) letra(s) do alfabeto manual se combina(m) não parece(m) ser motivada(o)(s), como, por exemplo, no sinal que nomeia o município paulista Cotia (Figura 21a), articulado por meio de um movimento que faz a mão, configurada tal como a letra manual C, contactar o queixo repetidas vezes<sup>13</sup>. No entanto, há outros em que esses parâmetros são claramente motivados. Isso pode ser observado no sinal CATÓLIC@ (Figura 21b), produzido por meio de um movimento da mão, também configurada tal como a letra manual C, em cruz, fazendo, portanto, referência a um dos símbolos do catolicismo.

---

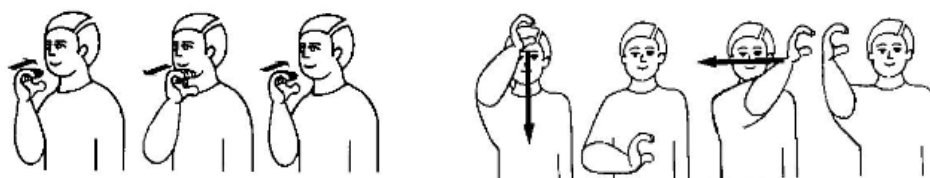
<sup>13</sup> Estudos etimológicos desses sinais podem revelar a existência de motivações para a seleção desses parâmetros e, conseqüentemente, requerer sua reclassificação em nossa tipologia.

Figura 20 – Empréstimos da libras formados por letras do alfabeto manual classificados de acordo com Pinheiro e Xavier (2019)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 21 – Exemplos de empréstimo do português na libras formados a partir da combinação de letra(s) do alfabeto manual e outros parâmetros fonológicos de forma aparentemente (a) imotivada e (b) motivada



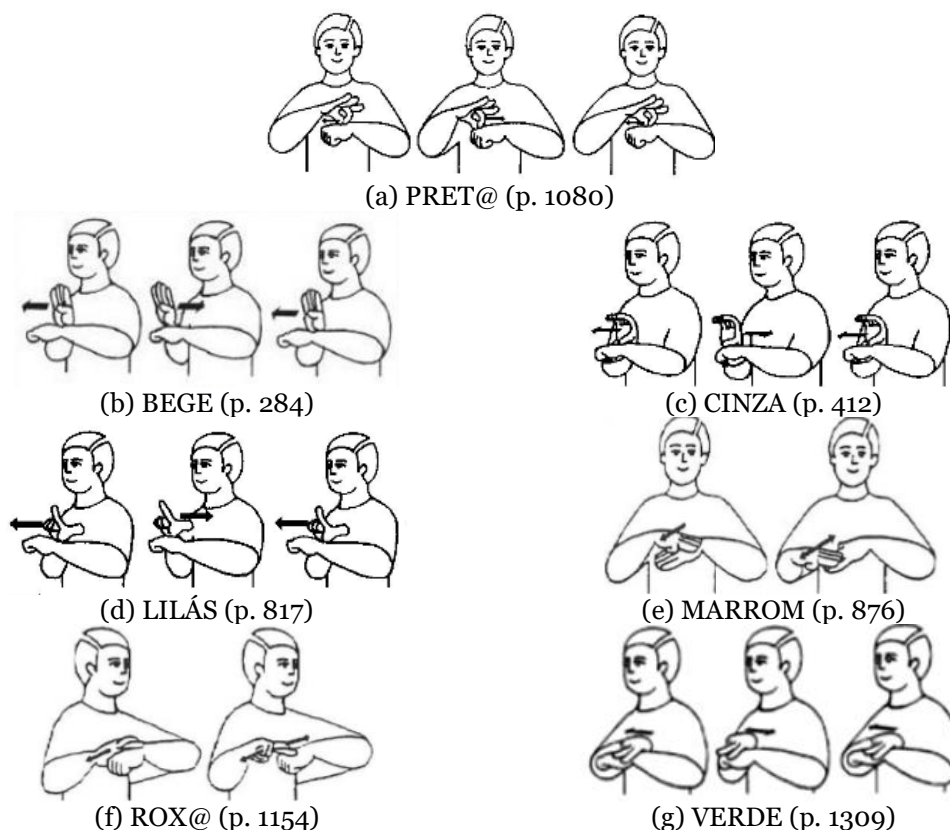
(a) COTIA (p. 476)

(b) CATÓLIC@ (p. 376)

Fonte: Capovilla e Raphael (2001).

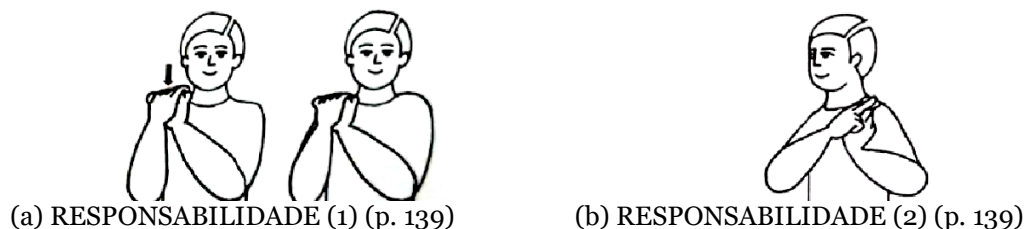
Entre os inicializados, como também se pode ver no gráfico em (20), os derivados representam quase a totalidade dos dados e abrangem seis sinais que designam cores em libras. Tais sinais foram formados através da substituição da configuração nativa de PRET@ (Figura 22a) por uma configuração que no alfabeto manual corresponde à letra inicial da palavra correspondente em português, precisamente B em BEGE (Figura 22b), C em CINZA (Figura 22c), L em LILÁS (Figura 22d), M em MARROM (Figura 22e), R em ROX@ (Figura 22f) e V em VERDE (Figura 22g). O único caso de variação identificado no *corpus* diz respeito ao sinal RESPONSABILIDADE que pode ser realizado com uma configuração de mão nativa (Figura 23a) ou inicializada (Figura 23b).

Figura 22 – Exemplos de empréstimo do português na libras formados a partir da inicialização: substituição da configuração de PRET@ pela inicial da cor correspondente



Fonte: Capovilla e Raphael (2001).

Figura 23 – Exemplos de empréstimo do português na libras formados a partir da inicialização: variação entre (a) forma nativa e (b) forma inicializada

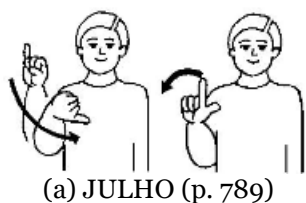


Fonte: Capovilla e Raphael (2001).

Por fim, a análise dos sinais soletrados mostrou uma maior frequência daqueles em que a soletração é total, entre os quais predominam acrônimos convencionais na língua portuguesa, tais como BOLETIM-DE-OCORRÊNCIA (Figura 14a). Estes são seguidos por palavras (cf. VOVÔ(Ó), Figura 14c) e estas, por sua vez, por acrônimos não convencionais no português, tal como JULHO (Figura 24a), em que apenas aparecem as letras manuais J e L. Foram

atestados também casos de soletração parcial de palavras (cf. AZUL, Figura 24b).

Figura 24 – Exemplos de empréstimos do português na libras formados por acrônimo não convencionalizado no português (a) e a partir de soletração parcial (b)



(a) JULHO (p. 789)



(b) AZUL (p. 254)

Fonte: Capovilla e Raphael (2001).

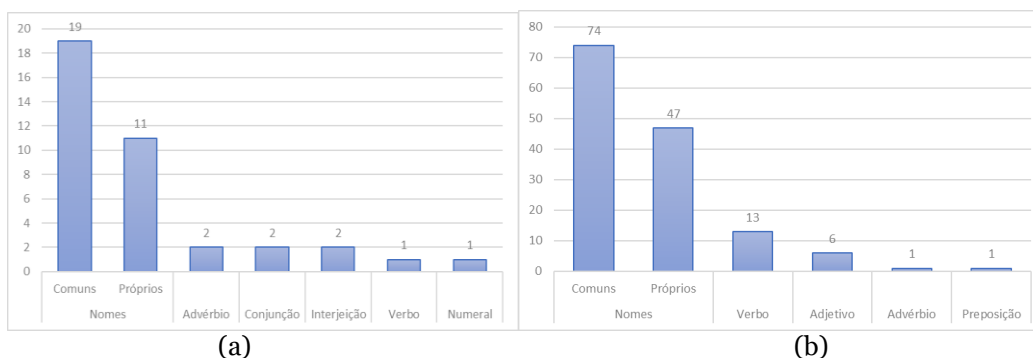
Esses resultados diferiram dos obtidos por Pinheiro e Xavier (2019) no que diz respeito à frequência dos diferentes tipos de empréstimos. Enquanto na amostra dos referidos autores predominam sinais soletrados, seguidos por híbridos e estes, por sua vez, por inicializados, como visto, em nosso estudo observamos maior frequência de sinais híbridos, os quais foram seguidos por inicializados e estes últimos por soletrados. Somando-se a isso, identificamos formações mistas, nas quais combina-se a soletração manual, e não apenas uma letra manual como nos híbridos, com elementos morfofonológicos da libras. Apesar disso, observamos convergência nos resultados obtidos tanto para as subcategorias dos sinais inicializados, quanto dos soletrados. Especificamente, predominaram, no primeiro caso, sinais inicializados derivados e, no segundo caso, soletrações totais de siglas/acrônimos convencionalizados.

### 6.3 Aspectos lexicais

Por fim, com base na classificação gramatical da palavra do português, observamos uma predominância de nomes tanto entre os sinais soletrados quanto entre os sinais formados a partir da combinação de letra(s) do alfabeto manual com outros elementos morfofonológicos (Figura 24). Observamos também em ambos os casos uma maior frequência de nomes comuns e, analisando os nomes próprios, notamos que dos 58 identificados 44 são topônimos. Esses resultados são corroborados pelo estudo de Fernandes (2019),

que focou exclusivamente em sinais soletrados. O autor identificou no dicionário de libras de Capovilla, Raphael e Maurício (2013) 123 sinais desse tipo, sendo destes 109 nomes comuns e apenas 14 nomes próprios.

Figura 24 – Categoria lexical da palavra do português fonte dos empréstimos da libras (a) entre sinais soletrados e mistos e (b) entre sinais formados por letras do alfabeto manual



Fonte: Elaborado pelos autores.

Foram atestadas ainda outras categorias gramaticais, as quais abrangem não apenas palavras lexicais (numerais, adjetivos, verbos e advérbios), mas também palavras funcionais (preposição (ex.: PARA) e advérbio (ex.: DIARIAMENTE)). Estas últimas, como esperado, são menos frequentes no conjunto dos dados. Não foram identificados artigos, pronomes e conjunções<sup>14</sup>.

## 7. Considerações finais

O presente estudo objetivou descrever e analisar aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais de empréstimos do português na libras formados a partir de letra(s) do alfabeto manual.

No que diz respeito aos aspectos fonológicos, observamos uma predominância entre sinais soletrados daqueles formados por uma ou no máximo duas letras manuais, conseqüentemente, uma ou no máximo duas configurações de mão. Sinais soletrados com mais de duas letras manuais são raros na amostra e parecem espelhar uma tendência já observada no

<sup>14</sup> Há entre as variantes lexicais da conjunção adversativa ‘mas’ da libras uma forma soletrada dessa palavra.

vocabulário nativo da ASL (BATTISON, 1978) e da libras (XAVIER; AGRELLA, 2015). Observamos também maior frequência de sinais monomanuais entre os formados por letras do alfabeto manual. Isso contrasta com os sinais nativos da libras, em que, segundo Xavier e Agrella (2015), a diferença entre sinais monomanuais e bimanuais não é tão acentuada. Uma possível explicação pode estar no fato de que esses sinais preservam a monomanualidade do alfabeto manual a partir do qual se constituíram.

Em relação aos aspectos morfológicos, vimos que predominam os hibridismos, ou seja, formações a partir de letras do alfabeto manual combinadas com outros elementos morfofonológicos da libras. Além desses casos, observamos ainda inicializações, soletrações e uma categoria mista, não mencionada por Pinheiro e Xavier (2019). Sinais desse último tipo combinam a soletração manual – e não apenas uma letra, como os híbridos – com algum elemento morfofonológico da libras.

Por fim, quanto aos aspectos lexicais, observamos, assim como Padden e Gunsauls (2003) para a ASL, uma predominância de nomes entre as palavras incorporadas da língua oral majoritária. Entre os nomes, semelhantemente às referidas autoras, também atestamos maior frequência dos comuns em comparação aos próprios.

Esperamos com este estudo não apenas avançar nossa compreensão sobre empréstimos formados a partir do alfabeto manual na libras, mas também chamar a atenção para o fato de que, assim como nas línguas orais, a incorporação de elementos de outras línguas decorre naturalmente do contato entre línguas e não põe em risco a manutenção da integridade das mesmas. Vimos com nossos resultados como a fonologia da libras pode atuar na nativização desses sinais, fazendo-os se aproximar ou se adequar a seus padrões fonotáticos. Vimos também a diversidade de processos de criação lexical a partir do alfabeto manual, o que revela, por si, que não se trata de uma mera cópia de uma palavra do português, mas da utilização de elementos dela para a criação lexical. Por fim, vimos que a libras se assemelha a outras línguas, faladas e sinalizadas, quanto à classe de palavra que mais incorpora, o que, novamente, ressalta a importância de olhar para esses empréstimos como um processo natural decorrente do contato entre línguas.

## Referências

- ABERNATHY, E. R. An historical sketch of the manual alphabets. *American Annals of the Deaf*, 104, p. 232–240, 1959.
- ADAM, R. Language contact and borrowing. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). *Sign language: An international handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012, p. 841-861.
- BATTISON, R. *Lexical borrowing in American Sign Language*. Silver Spring, MD: Linstok, 1978. 240p.
- BERENZ, N. SurdosVenceremos: The rise of the Brazilian Deaf Community. In: MONAGHAN, L. et al. (Org.). *Many Ways to Be Deaf: International Variation in Deaf Communities*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2003. p. 173-193.
- BRENTARI, D.; PADDEN, C. A. Native and Foreign Vocabulary in American Sign Language: A Lexicon with Multiple Origins. In: BRENTARI, D., (Ed.). *Foreign Vocabulary in Sign Language: A Crosslinguistic Investigation of Word Formation*, Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001, p. 87-119.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. Novo DEIT-Libras: dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2013. 2 v.
- CAPOVILLA, Fernando César. O implante coclear em questão: benefícios e problemas, promessas e riscos. In: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue: Língua de Sinais Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2008, p. 1.519-1.546.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe da língua de sinais brasileira*. São Paulo: Edusp, 2001. 2v.
- CORDEIRO, R. A. A. *Sinal Datilológico em Libras*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- CORMIER, K.; SCHEMBRI, A.; TYRONE, M.E. One hand or two?: nativisation of fingerspelling in ASL and BANZSL. *Sign Language & Linguistics*, v. 11, n. 1. p. 3-44, 2008.
- FELIPE, T. A. Dicionário da Língua Brasileira de Sinais. Rio de Janeiro, *Acessibilidade Brasil – Versão 3*, 2011. Disponível em: [http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras\\_3/](http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/). Acesso em: 03 set. 2022.
- FELIPE, T. A.; LIRA, G. A. *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Libras*. Rio de Janeiro, *Acessibilidade Brasil - CORDE*. Versão 2.0, 2005.



FERNANDES, L. A. Lematização de sinais puramente datilológicos no dicionário Novo DEIT-LIBRAS. Revista (Entre Parênteses) Número 8, Volume 1, 2019.

NASCIMENTO, C. B. do. *Empréstimos linguísticos do português na língua de sinais brasileira LSB: línguas em contato*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, 2010.

PADDEN, C. A.; GUNSAULS, D. C. How the Alphabet Came to Be Used in a Sign Language. *Sign Language Studies*, v.4, n.1, p. 10-33, 2003.

PINHEIRO, V.; XAVIER, A. N. Análise preliminar de empréstimos linguísticos do português na libras via alfabeto manual. In: XXI SEMANA DE LETRAS, 2, 2019, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, 2019, p. 45-55.

POWER, J. M.; GRIMM, G. W.; LIST, J-M. Evolutionary dynamics in the dispersal of sign languages. *R. Soc. open sci.*, n. 7: 191100, 2020.

QUADROS, R.; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUINTO-POZOS, D. Outlining Considerations for the Study of Sign Language Contact. In: QUINTO-POZOS, D. (Org.). *Sign Languages in Contact*. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2007. p. 1-28.

REILY, L. O papel da Igreja nos primórdios da educação dos surdos. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2007, vol.12, n.35, pp.308-326.

XAVIER, André Nogueira. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras)*. 145fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N.; AGRELLA, R. P. Brazilian Sign Language (Libras). In: JEPSEN, J. De CLERK, G.; LUTALO-KIINGI, S. *Sign Languages of the World*. DeGruyter, 2015, p. 129-158.

[Artigo recebido em 4 de janeiro de 2023 e aceito em 24 de julho de 2023.]